

EDUCAÇÃO

V.13 • N.1 • Publicação Contínua - 2025

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2025v13n1p30-43



## SILENCIAMENTO E REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE SUJEITOS COM TRANSTORNOS MENTAIS EM TEXTO MOTIVADOR DO ENEM 2020: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

SILENCING AND DISCURSIVE REPRESENTATIONS OF SUBJECTS WITH MENTAL DISORDERS IN THE ENEM 2020 MOTIVATING TEXT: A DIALOGICAL ANALYSIS

SILENCIAMIENTO Y REPRESENTACIONES DISCURSIVAS DE SUJETOS CON TRASTORNOS MENTALES EN EL TEXTO MOTIVADOR DEL ENEM 2020: UN ANÁLISIS DIALÓGICO

Paulo Everton Fernandes da Silva<sup>1</sup>  
José Anchieta de Oliveira Bentes<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste estudo, examinamos o movimento dialógico-discursivo que leva ao silenciamento dos indivíduos com transtornos mentais, concentrando-nos no Texto Motivador 1 da Redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2020, em sua primeira aplicação. Utilizamos a Análise Dialógica do Discurso (ADD) para compreender como as representações discursivas implícitas colaboram para esse silenciamento. Com base nas definições de “silêncio” de Mikhail Bakhtin (2017) e Michel Pollak (1989), ampliamos a discussão para o conceito de silenciamento, entendido como uma imposição das forças opressoras nas relações sociais. Os resultados demonstraram que essas representações discursivas promovem o silenciamento dos sujeitos com transtornos mentais ao destacarem: a) a saúde mental como equilíbrio emocional, enfocando as “pessoas mentalmente saudáveis”, b) a universalização do sofrimento psíquico, generalizando as experiências, e c) a ênfase na ajuda e suporte, sublinhando a capacidade de superação individual. Essas representações contribuem para um silenciamento que reforça estereótipos e preconceitos, prejudicando a construção da identidade social desses sujeitos.

### PALAVRAS-CHAVE

Silenciamento. Representações Discursivas. Identidade Social.

## ABSTRACT

In this study, we examine the dialogic-discursive movement that leads to the silencing of individuals with mental disorders, focusing on Motivating Text 1 of the ENEM 2020 essay, in its first application. We used Dialogical Discourse Analysis (DDA) to understand how implicit discursive representations contribute to this silencing. Based on the definitions of “silence” by Mikhail Bakhtin (2017) and Michel Pollak (1989), we broadened the discussion to the concept of silencing, understood as an imposition of oppressive forces in social relations. The results showed that these discursive representations promote the silencing of people with mental disorders by highlighting: a) mental health as emotional balance, focusing on “mentally healthy people”, b) the universalization of psychological suffering, generalizing experiences, and c) the emphasis on help and support, underlining the individual’s ability to overcome. These representations contribute to a silencing that reinforces stereotypes and prejudices, damaging the construction of the social identity of these individuals.

## KEYWORDS

Silencing; Discursive Representations; Social Identity

## RESUMEN

En este estudio, examinamos el movimiento dialógico-discursivo que conduce al silenciamiento de los individuos con trastornos mentales, concentrándonos en el Texto Motivador 1 de la Redacción del Enem 2020, en su primera aplicación. Utilizamos el Análisis Dialógico del Discurso (ADD) para comprender cómo las representaciones discursivas implícitas colaboran con este silenciamiento. Con base en las definiciones de “silencio” de Mijaíl Bajtín (2017) y Michel Pollak (1989), ampliamos la discusión al concepto de silenciamiento, entendido como una imposición de las fuerzas opresoras en las relaciones sociales. Los resultados demostraron que estas representaciones discursivas promueven el silenciamiento de los sujetos con trastornos mentales al destacar: a) la salud mental como equilibrio emocional, enfocando a las “personas mentalmente saludables”, b) la universalización del sufrimiento psíquico, generalizando las experiencias, y c) el énfasis en la ayuda y el apoyo, subrayando la capacidad de superación individual. Estas representaciones contribuyen a un silenciamiento que refuerza estereotipos y prejuicios, perjudicando la construcción de la identidad social de estos sujetos.

## PALABRAS CLAVE

Silenciamento; Representaciones Discursivas; Identidad Social.

### 1 INTRODUÇÃO

O *Dicionário da Língua Portuguesa* Evanildo Bechara, para o lexema “silêncio”, apresenta as respectivas definições: “1 Ausência de som ou ruído. 2 Condição de quem fica calado. 3 Interrupção de comunicação” (Bechara, 2011, p. 1047). Grosso modo, tais definições lexicografadas apresentam um “silêncio” com traços da não-produtividade, que são insuficientes para uma análise das condições dialógico-discursivas, das quais o “silêncio” se manifesta como imposição das forças opressoras. Por isso, neste estudo, nossos olhares se voltam para o “silenciamento”, movimento dialógico-discursivo próprio das tensões nas relações sociais, e que é cristalizado em materialidades discursivas, tais como, documentos oficiais como é o caso da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A pergunta que instaura o problema de pesquisa para o nosso estudo é: entendendo que os textos motivadores da proposta de redação do Enem são enunciados produzidos por sujeitos historicamente situados, isto é, atravessados por ideologias, crenças e valorações, de que maneira as representações discursivas implícitas no Texto Motivador 1 da Redação do Enem 2020, em sua primeira aplicação, contribuem para o silenciamento dos sujeitos com transtornos mentais? Para o nosso objetivo geral, nos limitamos em: analisar, sob a perspectiva dialógica da linguagem, como as representações discursivas implícitas no Texto Motivador 1 da Redação do Enem 2020, primeira aplicação, promovem o silenciamento dos sujeitos com transtornos mentais.

Justificamos a nossa pesquisa pelos seguintes motivos: a) a importância de se analisar a criticidade e a coerência da Redação do Enem em relação às escolhas dos textos motivadores, uma vez que o exame visa provocar o aluno a se “posicionar de maneira crítica e argumentar a favor de um ponto de vista” (Brasil, 2022, p. 21), e buscaremos entender se essa crítica é coerente no que tange à inclusão de sujeitos com transtornos mentais; e b) a importância de se refletir sobre como os sujeitos com transtornos mentais são representados nas propostas de redação, dado que esses sujeitos são frequentemente silenciados e estigmatizados na sociedade, queremos verificar se há algum tipo de atravessamento dessas vozes históricas e se as representações discursivas implícitas contribuem para o silenciamento desses sujeitos no texto motivador analisado.

No que diz respeito à metodologia e ao tratamento dos dados, empregamos a Análise Dialógica do Discurso (ADD), um método analítico inspirado na teoria de Bakhtin, que concebe os sujeitos como situados historicamente (Brait, 2016). Essa perspectiva, fundamentada nos conceitos desenvolvidos por Bakhtin, Volóchinov e Medvedev, é essencial para compreender as relações de poder e as interações sociais que emergem nos enunciados analisados.

Para este estudo, optamos por desmembrar o Texto Motivador 1 da Redação do Enem 2020 em cinco enunciados distintos (EN1, EN2, EN3, EN4 e EN5), a fim de permitir uma análise mais detalhada

e específica das representações discursivas presentes. Cada enunciado foi examinado sob a perspectiva dialógica, considerando como as vozes que atravessam o discurso são mobilizadas para construir sentidos e, ao mesmo tempo, silenciar outras possibilidades de significação.

A metodologia se desdobrou em três etapas principais: a) a seleção e organização do corpus, onde delimitamos os enunciados que seriam objeto de análise; b) a análise dialógica propriamente dita, onde exploramos as tensões entre as diferentes vozes que compõem o discurso, destacando as relações de poder implícitas nos enunciados; e c) a identificação dos movimentos de silenciamento, nos quais buscamos entender como certas representações discursivas contribuem para a marginalização dos sujeitos com transtornos mentais.

Esse percurso metodológico nos permitiu captar as nuances e os desdobramentos das representações discursivas, revelando como as escolhas enunciativas no texto oficial do Enem contribuem para reforçar estereótipos e perpetuar o silenciamento de vozes subalternizadas.

Quanto à estrutura do artigo, está dividido em 1) Silenciamento como espaço monológico em Mikhail Bakhtin: aqui, exploramos mais profundamente o conceito de “silêncio” em Bakhtin (2017) buscando reflexões possíveis referente a um silenciamento dos sujeitos nas relações dialógicas; 2) Silenciamento como força opressora em Michel Pollak: nesta seção, apresentamos uma reflexão que envolve o conceito de “silêncio” a partir das contribuições de Pollak (1989) em relação a imposição de um silenciamento constitutivo das tensões estabelecidas entre memórias oficiais e memórias subterrâneas; 3) Representações discursivas implícitas e o silenciamento dos sujeitos: aqui, apresentamos as nossas análises e discussões a partir dos dados, além da proposta de dois quadros que sintetizam as representações discursivas e os possíveis movimentos de silenciamento que identificamos a partir da análise; por fim, as nossas considerações finais.

## 2 SILENCIAMENTO COMO ESPAÇO MONOLÓGICO EM MIKHAIL BAKHTIN

Buscaremos o apoio de alguns teóricos para entendermos o conceito de silenciamento. O primeiro é Bakhtin em *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Para tal, evocaremos suas próprias palavras:

O silêncio e o som. A percepção do som (no campo do silêncio). O silêncio e o mutismo (a ausência de palavras). A pausa e o começo da palavra. A violação do silêncio pelo som de modo mecânico e fisiológico (como condição da percepção); a violação do mutismo pela palavra de modo pessoal e consciente: esse é o mundo inteiramente outro. (Bakhtin, 2017, p. 23).

Aqui, o autor apresenta algumas questões importantes. Em primeiro lugar, Bakhtin apresenta como delimitação temática, “o silêncio e o som” e “o silêncio e o mutismo”. A primeira, parece-nos que se trata da descrição da ordem mecânica e fisiológica da apreensão dos sons. Para a segunda, Bakhtin apresenta outra especificidade, aqui, “a ausência de palavras” parece transpor o mero fisiologismo e alcança possibilidades outras de apreensão de sentidos (Lampoglia; Miotello, 2012).

Enquanto o primeiro parece contemplar apenas a ordem mecânica, o segundo contempla a ordem do enunciado segundo a afirmação do próprio autor: “A violação do silêncio pelo som de modo mecânico e fisiológico” e em “a violação do mutismo pela palavra de modo pessoal e consciente”.

Nesse sentido, há duas possibilidades exegéticas de se compreender o “silêncio”: a) como mecânica e fisiologia em relação a possibilidade da percepção do “som”, e b) como possibilidade de produção polissêmica de sentidos em relação ao “mutismo”. A partir disso, entende-se que o “silêncio” em Bakhtin se apresenta como ação produtiva, não com traços de passividade, mas como relação dialógica da qual é constitutiva.

Entretanto, entendemos que “O silêncio em Bakhtin também pode ser interpretado como espaço do monologismo, da univocidade, em que os sentidos não ecoam – apenas as palavras, enquanto sons mecânicos se repetem” (Lampoglia; Miotello, 2012, p. 6). O silêncio como espaço monológico é o que nos interessa aqui. Estamos nos referindo ao silêncio como manifestação de um dizer que subjuga outro, trata-se da imposição de um *eu* absoluto, da tentativa de silenciar vozes outras, isto é, vozes subalternizadas pelas forças opressoras historicamente estabelecidas.

Tal empreendimento exegético é possível também a partir do momento em que se entende que “No silêncio nada ecoa (ou algo não ecoa), no mutismo ninguém fala. (Ou alguém não fala.) O mutismo só é possível no mundo humano (e só para o homem) (Bakhtin, 2017, p. 23). Aqui, temos o “ninguém fala” e o “alguém não fala”, esses termos expressam muito bem o espaço monológico, a medida em que os pronomes indefinidos “ninguém” e “alguém” apontam para um sujeito histórico, concreto e real, ou seja, expressam quando um sujeito não fala e/ou é impedido de falar. Aqui, mora o aspecto monológico das relações sociais.

Este silenciamento é entendido a partir de Ponzio como a palavra direta, quando afirma que,

La palabra directa, objetiva, no se preocupa de la alteridad del interlocutor si no es para adelantarla, englobarla, asimilarla; esta palabra atiende sólo a sí misma y por eso, como dice Kierkegaard, no constituye propiamente comunicación ninguna, o bien, podemos decir, es sólo comunicación del silencio<sup>3</sup> (Ponzio, 1995, p. 35-53 *apud* Ponzio, 2006, p. 474).

Nesse sentido, a palavra é objetiva quando confronta a subjetividade, a diversidade e a singularidade do *outro*, pois só há o movimento de se pensar no *outro* quando se busca a construção de uma imagem acabada deste. Não há, aqui, qualquer reconhecimento da subjetividade enquanto valoração do ser, ou qualquer valoração dos traços humanos do sujeito enquanto diferente, mas objetivação e coisificação. Para o autor, essa é a “comunicação de silêncio”, ou seja, é uma espécie de silenciamento, uma condição de opressão em que uns, pelo poder e força opressora, silenciam outros. Nesses termos, a “comunicação de silêncio”, isto é, o silenciamento, é também uma comunicação do poder hegemônico em que se pretende o domínio absoluto dos corpos, das identidades e das vozes de muitos outros.

3 Segue a nossa tradução: “A palavra direta, objetiva, não se preocupa com a alteridade do interlocutor a não ser para antecipá-la, para englobá-la, para assimilá-la; esta palavra só se preocupa consigo própria e, por isso, como diz Kierkegaard, não constitui propriamente nenhuma comunicação, ou melhor, podemos dizer, é apenas comunicação de silêncio”.

### 3 SILENCIAMENTO COMO FORÇA OPRESSORA EM MICHEL POLLAK

Outro autor que pode contribuir quanto a definição de silenciamento é Michel Pollak em *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Para isso, também evocamos as palavras do autor, quando afirma que,

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante. (Pollack, 1989, p. 5).

Pollak diz que “a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas”, bem como o “silêncio sobre o passado” não podem ser forçosamente linkados à relação “Estado dominador” e “sociedade civil”, porque trata-se de uma relação muito mais complexa do que a constituição de um simples ente dominador e uma sociedade civil que é oprimida, na verdade, esse tipo de silêncio, em Pollak, é muito mais presente nas relações entre grupos minoritários e sociedade mais geral, que não necessariamente refere-se ao Estado opressor, mas pode se manifestar em outros grupos e/ou classes sociais.

Aqui, jaz um silenciamento imposto. Nesse sentido, tal movimento pode ser entendido como resposta às dinâmicas do poder que não se limitam apenas à relação entre o Estado e a sociedade civil, mas que também envolvem interações complexas entre diferentes grupos sociais, incluindo aqueles que são marginalizados e/ou excluídos.

O autor continua afirmando que,

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (Pollack, 1989, p. 5).

Aqui, Pollak apresenta, pelo menos, duas especificidades do seu conceito de “silêncio”, a saber, 1) O silêncio como resistência: apesar de, intuitivamente, entendermos a posição de “silêncio” com traços de passividade, assim como Bakhtin, Pollak nos apresenta um “silêncio” produtivo, isto é, uma condição de “silêncio” sem o apagamento do sujeito enquanto ser histórico. Com isso, o “silêncio” como resistência passa a apresentar traços de agentividade por parte dos grupos minoritários que sofrem pela supremacia das memórias oficiais, ou seja, das memórias que importam que sejam lembradas, entretanto, não compreende um estado de esquecimento total, apenas de silêncio temporário; 2) a resistência como transmissão cuidadosa das lembranças: como se trata de um estado produtivo, o silêncio como resistência não equivale a ausência de comunicação, mas de reprodução cuidadosa das memórias subterrâneas e/ou subalternizadas.

Esse “silêncio”, longe da condição passiva, instaura uma espera ativa dos sujeitos subalternizados para um tempo em que haja manutenção do processo de reavaliação e reconfiguração das narrativas e das memórias coletivas em uma sociedade, especialmente após períodos de repressão ou silenciamento. Essa “redistribuição”, a que Pollak se refere, implica no fato de que, à medida que os tabus e as restrições sobre a expressão de certas memórias começam a ser desafiados, as vozes que antes eram marginalizadas e/ou silenciadas ganham espaço e visibilidade.

Nesse sentido, o silêncio passa a ser também uma postura estratégica dos grupos minoritários para a sobrevivência de suas memórias, pois “o silêncio sobre si próprio – diferente do esquecimento – pode mesmo ser uma condição necessária (presumida ou real) para a manutenção da comunicação com o meio-ambiente [...]” (Pollack, 1989, p. 14). Entretanto, ainda em Pollak, podemos observar um movimento que silencia, isto é, um silenciamento que, além de ser apresentado como força opressora, é exercido sobre sujeitos subalternizados. Desse modo, o autor discute como as experiências traumáticas podem ser influenciadas pelas dinâmicas do poder opressor. Ele sugere que esse silenciamento não é apenas uma questão de esquecimento, mas resulta também de pressões sociais que dificultam a expressão de memórias dolorosas.

## 4 REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS IMPLÍCITAS E O SILENCIAMENTO DOS SUJEITOS

Nesta seção, propomos uma análise do Texto Motivador 1, doravante TM1, da proposta de redação do Enem 2020, em sua primeira aplicação. A presente materialidade faz parte de um construto de outros dois textos motivadores somada a uma proposta de redação com o seguinte tema: “O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira”. Entendemos que existem alguns movimentos de silenciamentos dialógico-discursivos, bem como representações discursivas nos enunciados desta materialidade.

Para a análise, propriamente dita, optamos, por questões didáticas, observar o TM1 a partir de 5 enunciados distintos, a saber: EN1, EN2, EN3, EN4 e EN5. Segue a materialidade em análise:

**Figura 1** – Texto motivador 1 da proposta de Redação do Enem 2020

### TEXTO I

A maior parte das pessoas, quando ouve falar em “saúde mental”, pensa em “doença mental”. Mas a saúde mental implica muito mais que a ausência de doenças mentais. Pessoas mentalmente saudáveis compreendem que ninguém é perfeito, que todos possuem limites e que não se pode ser tudo para todos. Elas vivenciam diariamente uma série de emoções como alegria, amor, satisfação, tristeza, raiva e frustração. São capazes de enfrentar os desafios e as mudanças da vida cotidiana com equilíbrio e sabem procurar ajuda quando têm dificuldade em lidar com conflitos, perturbações, traumas ou transições importantes nos diferentes ciclos da vida. A saúde mental de uma pessoa está relacionada à forma como ela reage às exigências da vida e ao modo como harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções. Todas as pessoas podem apresentar sinais de sofrimento psíquico em alguma fase da vida.

Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br>. Acesso em: 27 jul. 2020 (adaptado).

Fonte: Brasil (2020).

Começamos a nossa análise pelo EN1: “A maior parte das pessoas, quando ouve falar em “saúde mental”, pensa em “doença mental”. Mas a saúde mental implica muito mais que a ausência de doenças mentais”. Neste enunciado temos o uso das expressões “saúde mental” e “doença mental” com aspas que, claramente são discursos diretos, ou seja, utilização da palavra alheia, palavra de um *outro* no discurso de um *eu*, nesse sentido, o enunciador se utiliza da palavra alheia como palavra não-minha para produzir sentidos. Na primeira sentença, o enunciador não se posiciona, já na segunda, expõem seu próprio ponto de vista – saúde mental é muito mais do que ausência de doenças mentais – desse modo, o enunciador corrobora a primeira sentença afirmando que existem “doenças mentais”. O que há de mais importante, aqui, neste enunciado, é a apresentação da dualidade entre “saúde mental” e “doença mental”, ela norteará a produção dos enunciados subsequentes.

No EN2 temos: “Pessoas mentalmente saudáveis compreendem que ninguém é perfeito, que todos possuem limites e que não se pode ser tudo para todos”, aqui, está posta a relação dialógica entre enunciados (Bakhtin, 2002), um discurso que é atravessado por outro. Neste caso, o discurso que concebe “pessoas mentalmente saudáveis” está atravessado pelo discurso que concebe “pessoas mentalmente doentes”. Então, não faria sentido dizer “pessoas mentalmente saudáveis” sem pressupor as “pessoas mentalmente doentes”, desse modo, instaura-se o dialogismo, isto é, o confronto entre enunciados, a tensão, o embate dialógico. Além disso, o EN2 parece categorizar as “pessoas mentalmente saudáveis” acima das “pessoas mentalmente doentes”. Se esse for o caso, nos parece que o enunciador privilegia, na centralidade de seus enunciados, as “mentalmente saudáveis” em detrimento das “mentalmente doentes”, cristalizando, assim, um determinismo sobre esses últimos a partir da categoria “doente”.

Partimos, agora, para o EN3:

Elas vivenciam diariamente uma série de emoções como alegria, amor, satisfação, tristeza, raiva e frustração. São capazes de enfrentar os desafios e as mudanças da vida cotidiana com equilíbrio e sabem procurar ajuda quando têm dificuldade em lidar com conflitos, perturbações, traumas ou transições importantes nos diferentes ciclos da vida.

Em primeiro lugar, o enunciador parece definir saúde mental com uma espécie de capacidade inata de lidar com diversas emoções. Se por um lado, esse movimento é positivo no sentido de destacar a importância do autogerenciamento dos sentimentos, por outro, parece enaltecer a capacidade de uns em detrimento da “incapacidade” de outros, instaurando assim, uma perspectiva essencialista de sujeito. As expressões “São capazes de enfrentar os desafios e as mudanças” e “sabem procurar ajuda” corroboram para esse discurso da capacidade imanente, nesse sentido, as “pessoas mentalmente saudáveis” seriam assim definidas porque possuem esta capacidade interna, já as “mentalmente doentes” estariam neste estado porque compreenderiam exatamente o oposto.

Outra questão se dá, ainda, na centralidade discursiva do enunciador, que parece se deter apenas na agentividade das “pessoas mentalmente saudáveis”, para elas os verbos e/ou locuções verbais de agência são “vivenciam”, “são capazes de enfrentar” e “sabem procurar”, enquanto para as “pessoas mentalmente doentes” a descrição é majoritariamente passiva.

Passemos, agora, para o EN4: “A saúde mental de uma pessoa está relacionada à forma como ela reage às exigências da vida e ao modo como harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções”. Aqui, novamente, parece que os sentidos se encaminham para a definição da saúde mental como equilíbrio emocional, entretanto, o enunciador afirma que a saúde mental depende diretamente de um “comportamento adequado”, logo, pressupõe-se que “pessoas mentalmente doentes” estão falhando no modo como se comportam diante de algumas circunstâncias, a partir desse raciocínio, o ficar “doente mentalmente” passa a ser de inteira responsabilidade da própria pessoa, isso é quase uma afirmação do tipo “só fica doente quem quer”.

Assim, instaura-se um movimento discursivo que culpabiliza a própria vítima pelos transtornos mentais, ou seja, ocorre mais ou menos parecido com discursos do tipo “a menina só foi violentada sexualmente porque se insinuava com roupas inadequadas”. Esse tipo de enunciado concretiza um movimento discursivo da responsabilização da própria vítima, e acaba por minimizar a responsabilidade pelo crime do agressor.

Por fim, o EN5: “Todas as pessoas podem apresentar sinais de sofrimento psíquico em alguma fase da vida”. Aqui, temos, como representação discursiva, a universalização do sofrimento psíquico, os sentidos produzidos são da ordem da normalização dos transtornos mentais como condição natural da vida, ou seja, toda e qualquer pessoa pode, potencialmente, sofrer com esses fenômenos. Nesse sentido, o enunciado converge para uma proposta de não-estigmatizar pessoas que sofrem com transtornos mentais. Entretanto, esse enunciado parece confrontar-se com outros que propõem exatamente o oposto.

Agora, propomos o Quando 1 com as representações discursivas que identificamos a partir das análises. Segue abaixo a síntese:

**Quadro 1** – Representações discursivas

<b>Representação Discursiva</b>	<b>Descrição</b>
Saúde mental como equilíbrio emocional	A saúde mental é descrita como a capacidade de lidar com diversas emoções (alegria, amor, satisfação, tristeza, raiva e frustração) e enfrentar os desafios da vida com equilíbrio.
Universalização do sofrimento psíquico	Todas as pessoas podem apresentar sinais de sofrimento psíquico em algum momento da vida, normalizando a experiência de dificuldades emocionais.
Ênfase na ajuda e suporte	Pessoas mentalmente saudáveis sabem procurar ajuda quando enfrentam dificuldades, destacando a importância do apoio e suporte no tratamento desses problemas.

Fonte: Elaboração própria.

A primeira representação discursiva que identificamos foi a saúde mental como equilíbrio emocional: como afirmamos em nossa análise, aqui, a saúde mental é representada como uma capacidade inata de algumas pessoas. Assim, os que possuem a capacidade de gerenciar corretamente seus sentimentos são “saudáveis mentalmente”, já os que não possuem tal capacidade sofrem com os transtornos.

A segunda representação discursiva é a universalização do sofrimento psíquico: esta representação foi identificada a medida em que o enunciador apresenta os transtornos mentais como fenômenos normalizados e universais, ou seja, todas as pessoas podem sofrer com um ou mais desses problemas, pois, constituem a vulnerabilidade da natureza experiencial do ser enquanto humano. Isso acaba contribuindo para a desestigmatização desses sujeitos.

A terceira compreende a ênfase na ajuda e suporte: aqui, há um destaque por parte do enunciador na preocupação com o auxílio e suporte que os transtornos mentais requerem para um tratamento adequado, nesse sentido, essa ajuda necessária também contempla a normalização do sofrimento psíquico, uma vez que se apresenta como fenômeno potencialmente possível a todas as pessoas. Desse modo, essa representação também contribui para o não-preconceito e para a não-estigmatização dos sujeitos.

Também propomos o Quadro 2 com os possíveis movimentos de silenciamento dialógico-discursivo, em decorrência das representações discursivas, que identificamos a partir das análises dos dados. Segue abaixo a síntese:

**Quadro 2** – Possíveis movimentos de silenciamento

<b>Movimento de silenciamento</b>	<b>Descrição</b>
Enfoque nas “pessoas mentalmente saudáveis”	Ao focar nas características das pessoas mentalmente saudáveis, o texto pode silenciar as vozes daqueles que não se encaixam nessa definição, marginalizando as experiências de quem vive com transtornos mentais.
Generalização das experiências	A universalização proposta pela materialidade, ao afirmar que “todas as pessoas podem apresentar sinais de sofrimento psíquico”, pode minimizar as experiências mais severas de quem vive com transtornos mentais crônicos e/ou graves.
Ênfase na capacidade de superação individual	A narrativa de que pessoas mentalmente saudáveis enfrentam os desafios com equilíbrio e sabem procurar ajuda pode invisibilizar as dificuldades reais enfrentadas por aqueles que, devido a transtornos mentais, não conseguem acessar ou utilizar esses mecanismos de suporte de maneira efetiva.

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro movimento de silenciamento ocorre quando a materialidade apresenta o enfoque nas “pessoas mentalmente saudáveis”: aqui, a maior parte dos enunciados são produzidos a partir da centralização das “pessoas mentalmente saudáveis”, ao propor tal movimento, o enunciador opta por um silenciamento implícito dos sujeitos categorizados como “pessoas mentalmente doentes”. É importante ressaltar que tal silenciamento se dá em função da representação discursiva saúde mental como equilíbrio emocional, uma vez que, no enunciado, estão postas relações entre “ser mentalmente saudável” e “saber gerenciar sentimentos”.

O segundo movimento se dá na generalização das experiências: ao propor uma normalização das experiências com transtornos mentais, o enunciador acaba silenciando outras com manifestações mais severas e/ou graves, nesse sentido, há um movimento de silenciamento pela indiferença de outros sujeitos. Novamente, tal movimento parece estar relacionado com a representação discursiva da universalização do sofrimento psíquico, uma vez que ambas cristalizam certa homogeneização na concepção do sujeito.

Por fim, o terceiro movimento, a ênfase na capacidade de superação individual. Aqui, há uma tentativa de responsabilizar tanto a “pessoa mentalmente saudável”, quanto a “pessoa mentalmente doente” por seus respectivos estados, entretanto, tal proposta acaba focalizando em uma certa capacidade imanente ao sujeito. Os desdobramentos lógicos desse raciocínio se encaminham para a culpabilização da vítima. Nesse sentido, a pessoa com transtorno mental é inteiramente responsável e culpada por seu quadro de saúde. Aqui, está posto o silenciamento de outros sujeitos que não se encaixam na definição de uma capacidade individual imanente de superação. Tal movimento parece estar diretamente relacionado com a representação discursiva da ênfase na ajuda e suporte, uma vez que também apresenta um enfoque na capacidade inata de uns em detrimento da incapacidade de outros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das contribuições de Mikhail Bakhtin (2017) e Michel Pollak (1989) foi possível não só compreender o conceito de “silêncio” proposto em seus trabalhos, como também esboçar uma definição relativamente particular de silenciamento quando confrontamos tais conceitos com um olhar outro para o texto motivador do Enem em relação as representações discursivas dos sujeitos implicados. A noção de “silêncio” nos dois teóricos não se vincula a uma condição passiva do sujeito, mas o institui como sujeito historicamente inscrito em um tempo-espaco concreto e real, desse modo, o “silêncio” vai se apresentar, nessas formulações teóricas, com traços produtivos, cristalizando assim, a complexidade do existir do ser enquanto humano.

Diante disso, ao analisar a materialidade em questão, chegamos à alguns resultados. São eles, a) dualidade “saúde mental-doença mental” como ponto de partida: ao delimitar como unidade temática a dualidade “saúde mental-doença mental”, o enunciador marca, como ponto fundante, as relações dialógicas entre enunciados e os atravessamentos discursivos que estão presentes nessa oposição; b) tensão dialógica entre discursos: em decorrência da escolha temática, constatamos a presença da tensão dialógica entre os enunciados que concebem pessoas como “mentalmente saudáveis” e os enunciados que concebem pessoas como “mentalmente doentes”, tal tensão é constitutiva da natureza do dialogismo (Bakhtin, 2002); c) aproximação das “mentalmente saudáveis” e afastamento das “mentalmente doentes”: por meio do enunciado, há uma aproximação alteritária maior das “pessoas mentalmente saudáveis” em função de um afastamento das “pessoas mentalmente doentes”, para estas últimas o tratamento se dá por meio da categoria “doente”; d) perspectiva essencialista de sujeito: a partir do acabamento e certo determinismo sobre o *outro*, o enunciador busca apresentar as “pessoas mentalmente doentes” como unidades acabadas, isto é, declinados da diversidade e diferença constitutivas.

Ou seja, como que determinadas por uma essência imanente; e) discurso da capacidade imanente: nessa esteira, está imbricado o discurso da capacidade imanente. Aqui, os sujeitos possuem capacidades inatas que lhes fazem melhores que outros, nesse sentido, as “pessoas mentalmente saudáveis” seriam mais capacitadas que as “pessoas mentalmente doentes”, tal movimento discursivo se encaminha para a culpabilização da própria vítima, pois não teriam tal capacidade interna; e, por fim, d) agentividade das “pessoas mentalmente saudáveis” e passividade das “pessoas mentalmente doentes”: com relação à ação dos sujeitos, o enunciador produz sentidos com traços de agentividade para as “pessoas mentalmente saudáveis”, isto é, são apresentadas como tendo autonomia nas tomadas de decisões, já as “pessoas mentalmente doentes” são descritas com traços de passividade, ou seja, não apresentam qualquer autonomia, são determinadas pelas circunstâncias, especialmente pela categorização “doente”. Isso, apenas reforça os estigmas historicamente estabelecidos em nossa sociedade.

Quanto às representações discursivas, entendemos que elas contribuem diretamente para o movimento dialógico-discursivo de silenciamento dos sujeitos com transtornos mentais na materialidade em análise, a medida em que estão imbricadas: a) a saúde mental como equilíbrio emocional implica no enfoque nas “pessoas mentalmente saudáveis”; b) a universalização do sofrimento psíquico propõe a generalização das experiências; e, por fim, c) a ênfase na ajuda e suporte contribui para a ênfase na capacidade de superação individual.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. Fragmentos dos anos 1970-1971. *In*: BAKHTIN, Mikhail M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34. 2017, p. 21-56.

BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 5. ed. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Editora Hucitec e Annablume. 2002.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BRAIT, Beth. **Bakhtin**: outros conceitos chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Provas e gabaritos**: Exame Nacional do Ensino Médio 2020. Brasília: INEP, 2020. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2020\\_PV\\_impreso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2020_PV_impreso_D1_CD1.pdf). Acesso em: 30 ago. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A redação no Enem 2022**: cartilha do participante. Brasília, 2022. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/enem/cartilha\\_do\\_participante\\_enem\\_2022.pdf](https://download.inep.gov.br/download/enem/cartilha_do_participante_enem_2022.pdf). Acesso em: 10 de jul. 2024.

LAMPOGLIA, Francis; MIOTELLO, Valdemir. O silêncio e o calar sobre a ditadura militar pelo olhar de Bakhtin: a diferença entre o ouvir e o escutar. **Palimpsesto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 11, n.14, p. 1-14, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/35248>. Acesso em: 21 jul. 2024.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução do francês de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PONZIO, Augusto. Escritura de la novella y del cinema como crítica de La comunicación global. **Revista Signa**, n. 15, 2006. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/escritura-de-la-novela-y-del-cinema-como-crtica-de-la-comunicacin-global-0/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PONZIO, Augusto. **El juego del comunicar. Entre literatura y filosofía**. Valencia: Episteme, 1995.

---

**Recebido em:** 4 de Setembro de 2024

**Avaliado em:** 13 de Dezembro de 2024

**Aceito em:** 22 de Janeiro de 2025

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

---

1 Bacharel em Teologia, Faculdade Kurios, Ceará – FAK; Licenciado Pleno em Letras-Língua Portuguesa, Universidade do Estado do Pará – UEPA/CCSE; Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, da Universidade do Estado do Pará – UEPA/CCSE; Professor de Língua Portuguesa na Educação Básica, lecionando, especificamente, no Ensino Fundamental II Membro do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia – GELPEA - CNPQ/UEPA, do Grupo de Estudo e Pesquisa Letramentos no Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa – (GEPLEALP) - CNPQ/UEPA e do Grupo de Pesquisa Análises Discursivas e Ergológicas – ADERGO) – UFPA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3426-5181>. E-mail: pauloevertonf.d.s@gmail.com

2 Doutor em Educação Especial – UFSCAR/2010; Mestre em Letras - Linguística – UFPA/1998; Especialista em Linguística aplicada ao ensino-aprendizagem do Português – UFPA/1993; Graduado em Letras – UFPA/1991; Pós-doutor em educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013); Professor adjunto da Universidade do Estado do Pará; atua no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED; Integrante do Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Educacionais da Amazônia – GELPEA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1134-3677>. E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Educação



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaigual CC BY-SA

